



CAMINHOS DE INTERVENÇÃO NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE UM ESTUDO DE CASO

Adriano Rosa da Silva

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2584-0713>

RESUMO

O tema central da pesquisa foi destacar algumas contribuições do conhecimento teórico-científico sobre as dificuldades específicas de aprendizagem das crianças na faixa etária entre 7 e 11 anos, numa perspectiva interdisciplinar, a partir de um estudo de caso na clínica psicopedagógica. De modo que o principal objetivo do trabalho foi investigar, por meio de revisão bibliográfica e abordagem descritiva qualitativa, aspectos considerados relevantes acerca do estudo proposto, enfatizando as estratégias de intervenção do psicopedagogo e concebendo as dificuldades de aprendizagem como fenômeno causado por múltiplos fatores. Assim, o estudo buscou mostrar o processo interventivo pautado no modelo proposto por Jorge Visca, à luz da teoria piagetiana sobre a aprendizagem. Cabe destacar também que para elucidar essas questões se buscou na literatura especializada o referencial teórico de autores que problematizam essa temática.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Criança. Psicopedagogia.



1 INTRODUÇÃO

Importa considerar que será abordado neste estudo o caso hipotético de atendimento feito por um psicopedagogo à uma criança na faixa etária entre 7 e 11 anos¹, que apresenta dificuldades para se alfabetizar, com lacunas relativas à memória e auto lesão, sem ter feito nenhum acompanhamento até então. Nessa idade, as crianças começam a lidar com conceitos abstratos e são caracterizadas pela capacidade de resolver continuamente problemas concretos e lógica interna. Após escuta ativa da situação pelo psicopedagogo, é inatacável a importância de se considerar que as queixas e formulações da família da criança e da escola precisam ser analisadas nos seus diferentes significados, sem perder de vista que, para além das dificuldades, o olhar deve ser direcionado para as potencialidades da criança, sujeito de potência. Tendo em vista que, à luz das contribuições de Bee (2011), as dificuldades de aprendizagem caracterizam-se como uma disparidade entre o potencial esperado do aluno e a sua realização escolar.

Nesse horizonte, é preciso, pois, inicialmente, criar um clima de confiança, conversar para “quebrar o gelo”, fazer um acolhimento, criar vínculo, concebendo a criança como protagonista desse processo. Assim, consoante com Weiss (2007, p. 34), essa escuta ativa é importante, pois entendo que o objetivo do diagnóstico psicopedagógico é justamente identificar desvios e obstáculos no processo de aprendizagem, sendo fundamental analisar nesse caso específico da criança em questão o que impede o seu aprendizado dentro do esperado pelo meio social, pesquisando o que não vai estar bem em relação ao seu percurso de aprendizagem e buscando entender como e por que se manifestam essas dificuldades relatadas em seu aprendizado e, assim, intervir de modo qualitativo junto à criança.

Com base em teóricos como Weiss (2007) e Visca (2009), no diagnóstico psicopedagógico de casos como este, cujo atendimento é feito a crianças, o uso do lúdico e de situações lúdicas é importante, muitas vezes, para se compreender o funcionamento dos processos cognitivos e afetivo-sociais, os quais se relacionam com as dificuldades apresentadas pela criança. Nesse prisma, foi investigado, nessa etapa diagnóstica, que a criança sofreu maus tratos, possui pais dependentes de drogas, é considerada uma “aluna problema” devido à baixa concentração em aula, dispersa, letra ilegível e suas atividades não são concluídas. Nesta via, esse diagnóstico, desde o primeiro contato

¹ De acordo com Piaget (1972), as que se encontram no estágio operatório-concreto (7 a 11 anos) já realizam operações lógicas, mas somente sobre situações reais e objetos manipuláveis (não abstratos) e só raciocinam em cima de problemas concretos com, somente, uma variável. Segundo o autor, apenas no estágio seguinte, operatório-formal (12 anos em diante), passará a raciocinar tanto por hipóteses quanto por objetos, aplicando as operações lógicas a qualquer classe de problemas, isto é, já conseguirá raciocinar em cima de proposições de enunciados verbais de hipóteses. PIAGET, J. Seis estudos de Psicologia. Tradução: Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.



com a psicopedagoga, já aponta para o início de uma mudança, num processo cuja metodologia passa por etapas como entrevista inicial, contrato, anamnese, aplicação de Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), provas operatórias, projetivas e pedagógicas, em seguida a análise desses testes, e, por fim, a síntese com a devolutiva.

2 MARCO TEÓRICO

É extremamente complexo definir de maneira exata um conceito tão amplo quanto a aprendizagem. As diversas correntes teóricas e científicas levantaram muitas hipóteses sobre esse fenômeno, mas ainda não foram capazes de explicar com precisão o que, de fato, ocorre no cérebro de uma criança ou de qualquer pessoa durante o ato de aprender. Acredita-se que ocorram mudanças no sistema nervoso durante o processo de aquisição do conhecimento, mas essas transformações ainda não foram detectadas de forma precisa. Segundo Moreira (*apud* ANJOS e DIAS, 2015), Piaget coloca em sua teoria do desenvolvimento cognitivo, que os sujeitos assimilam dados ao interagir com o mundo, adaptando-os, a cada novo conhecimento, e modificando seus esquemas com essas estruturas cognitivas².

A assimilação é o movimento do processo de adaptação pelo qual os elementos do ambiente alteram-se para ser incorporados à estrutura do organismo [...]. A acomodação é o movimento do processo de adaptação pelo qual o organismo altera-se, de acordo com as características do objeto a ser ingerido (FERNÁNDEZ, 1991, p. 109).

Assim, entende-se que a aprendizagem se configura como um processo de mudança comportamental³. Ela resulta da interação entre as estruturas mentais do sujeito e o ambiente em que vive, levando em consideração o contexto cultural. Cada nova experiência acrescenta saberes ao indivíduo, promovendo transformações no seu comportamento. Dessa forma, após adquirir determinado conhecimento, passa-se a agir de forma diferente, demonstrando que houve, de fato, aprendizagem⁴. A aprendizagem é entendida, portanto, como um processo contínuo, que envolve diferentes fatores, resultando em mudanças no comportamento e no desenvolvimento do sujeito, o qual deve ser entendido a partir de sua subjetividade, construída por meio de pensamentos, emoções e interações sociais, “quando se aprende se coloca em jogo tanto a inteligência como a afetividade”

² A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica é sua raiz corporal; seu desdobramento criativo põe-se em jogo por meio da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação (FERNÁNDEZ, 1991, p. 48).

³ O processo de aprendizagem consiste na produção e estabilização de condutas, serão consideradas aprendizagens tanto as que se produzem no contexto escolar como as que se elaboram no meio familiar e comunitário (VISCA, 2009, p. 16).

⁴ Considera-se que o processo de aprendizagem vai além do simples acúmulo de informações, pois consiste na reestruturação, por meio de mudanças estruturais advindas de ações e interações (POSNER e RAICHLE, 2001).



(VISCA, 2009, p. 15).

A psicopedagogia surgiu para atender às dificuldades de aprendizagem, buscando fundamentos em diversos campos científicas, tornando-se assim uma área interdisciplinar (BOSSA, 2019). Nesse aspecto, a psicopedagogia, mantendo uma relação próxima tanto com a pedagogia quanto com a psicologia, surge como resposta ao elevado número de casos relacionados às dificuldades de aprendizagem, consolidando-se como uma área de caráter interdisciplinar, devido às contribuições teóricas e práticas provenientes de múltiplas áreas do conhecimento. Sobre isso, Bossa (2019) afirma que, “reconhecer tal caráter significa admitir a sua especificidade enquanto área de estudos, uma vez que, buscando conhecimentos em outros campos, cria seu próprio objeto, condição essencial da interdisciplinaridade” (p. 25). Por isso, a psicopedagogia recorre também a outras áreas, buscando uma compreensão mais ampla e profunda dos processos de aprendizagem.

O propósito psicopedagógico, aquilo que singulariza nossa contribuição, pode ser assim resumido: possibilitar espaços de autoria do pensamento. Tarefa que exige flexibilizar as próprias modalidades de aprendizagem, do mesmo modo que as modalidades de atenção pessoais. Os espaços de autoria são espaços subjetivos/objetivos que são produzidos na inter-relação com outros, permitindo a cada sujeito reconhecer-se pensante e, assim, responsabilizar-se pela eficácia de seu pensar. Para atender, precisamos atender-nos pensantes (FERNÁNDEZ, 2012, p. 207).

Nessa ótica, a psicopedagogia tem como objetivo criar espaços dinâmicos, constantemente ajustados e reorganizados, que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento, “o problema de aprendizagem não é outra coisa senão anular as capacidades e bloquear as possibilidades” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 29). Seu foco é compreender o processo de aprendizagem, atuando tanto na prevenção quanto na intervenção. O trabalho psicopedagógico é voltado para compreender como o indivíduo aprende, tanto em grupo quanto individualmente. Muitas dificuldades de aprendizagem estão diretamente associadas ao contexto familiar, ao ambiente escolar e à qualidade da relação entre professor e aluno⁵. Diante disso, para Bossa (2019), a psicopedagogia busca orientar e aprimorar o processo educativo, ao mesmo tempo em que oferece um entendimento mais aprofundado sobre o desenvolvimento e os processos de aprendizagem.

De acordo com este sentido amplo de aprendizagem, não só interessa saber qual é o vínculo que o sujeito estabelece com o docente, a sala de aula, os companheiros e a escola, como também importa a relação com os adultos significativos que lhe oferecem modelos de aprendizagem, e os cenários onde tudo isso acontece; com os colegas fora do ambiente escolar e consigo mesmo, enquanto aprendiz em diferentes momentos de sua vida cotidiana (VISCA,

⁵ Nas dificuldades de aprendizagem que apresenta um sujeito, está envolvido também o ensinante. Portanto, o problema de aprendizagem deve ser diagnosticado, prevenido e curado, a partir dos dois personagens e no vínculo (FERNÁNDEZ, 1991, p. 32).



2009, p. 16).

Dessa forma, ao reconhecemos o indivíduo como sujeito ativo no processo de intervenção psicopedagógica, também reconhecemos sua capacidade de pensar, refletir e, por meio dessa atividade reflexiva, o sujeito se torna elemento central na construção contínua dos seus conhecimentos, suas experiências e sua subjetividade, considerando, assim, os seus pensamentos e emoções, nos contextos sociais em que está inserido⁶. O psicopedagogo propicia que os sujeitos entrem em contato com suas próprias reações diante das tarefas, assim como com seu vínculo com o objeto do conhecimento, visando resgatar, dessa forma, o prazer e o sentido de aprender (BOSSA, 2019). O psicopedagogo, portanto, deve ser capaz de avaliar, intervir e ajudar o aluno em sua trajetória de aprendizagem, levando em consideração não apenas aspectos cognitivos, mas também emocionais, familiares, sociais e afetivos⁷. Sua atuação se dá tanto no ambiente escolar quanto no clínico, com metodologias específicas para cada contexto.

Com base nessa perspectiva analítica, segundo Moraes (*apud* ANJOS e DIAS, 2015), o psicopedagogo estabelece qual será o plano de intervenção a ser adotado em cada caso, por meio da verificação psicopedagógica, que é uma investigação buscando entender as causas dos problemas de aprendizagem⁸. Desse modo, o caminho para entender a realidade do sujeito começa no processo diagnóstico, para, a partir daí, planejar e realizar a intervenção, permitindo uma análise das interações e respostas desse sujeito, bem como uma avaliação das intervenções mais adequadas. Assim, percebemos que a atuação psicopedagógica abrange o ambiente escolar e o clínico, cada qual exigindo metodologias específicas de trabalho.

3 METODOLOGIA

O procedimento teórico-metodológico adotado nesta pesquisa descritiva de abordagem qualitativa descortinou um enfoque analítico sobre o estudo de um caso hipotético no âmbito da psicopedagogia, utilizando-se a revisão bibliográfica enquanto suporte teórico acerca do tema de investigação, por meio da leitura e análise de pesquisas e discussões já publicadas sobre o tema, como

⁶ Estes diferentes vínculos constituem, por uma parte, uma rede de relações universais na medida em que todo sujeito está imerso nela, e por outra parte, relações particulares, pois cada sujeito estrutura cada vínculo e a trama total de forma singular (VISCA, 2009, p. 16).

⁷ No intelecto que a inteligência possibilita, entram em jogo o pensar operante, a atenção desperta e a afetividade. A afetividade no sentido de se deixar afetar, e afetar, “desejantemente”, o que nos afeta (FERNÁNDEZ, 2012, p. 228).

⁸ Compreender que os “atrasados” não existem no processo educacional e que todos independentes de suas dificuldades têm direito a uma escola que promova uma aprendizagem cognitiva, motora, afetiva e social é a maior tarefa da Sociedade Humana, pois “somos diferentes” em nossa totalidade (RELVAS, 2014, p. 19).



os trabalhos de Piaget. Assim, o método de estudo abarca uma pesquisa, a partir da investigação de fontes bibliográficas, trazendo uma relação interdisciplinar das bases conceituais sobre a abordagem psicopedagógica, com o fito de fundamentar as práticas imanentes ao método de Jorge Visca presente neste estudo de caso, de modo que se buscou enfatizar a perspectiva teórica de autores da literatura especializada. Sob esse ângulo, este estudo se justifica porque pode contribuir para a reflexão sobre as contribuições da prática psicopedagógica para o desenvolvimento e a aprendizagem dos sujeitos em diferentes contextos.

4 RESULTADOS

No que tange às etapas do diagnóstico psicopedagógico, foram realizadas pelo psicopedagogo, nas primeiras sessões, a entrevista de contrato e a anamnese com os pais da criança, na ideia de se proceder inicialmente a uma entrevista familiar para explorar a situação, colhendo dados e informações relevantes para a posterior análise e comprovação (ou não) de suspeitas e hipóteses. De modo que “no diagnóstico tradicional, ainda que se incluam os pais, o centro é a criança paciente; ela é chamada na maioria das vezes, e é ela que se estuda. Os pais participam somente como informantes” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 30). Nessa direção, não devendo ser de modo algum, apenas um questionário de dados sequenciais como numa escala padronizada, rígida e uniforme, mas constituindo-se num valioso instrumento diagnóstico de análise multifatorial do desenvolvimento da criança.

Nesse momento inicial, poderão ser realizados, paralelamente, levantamentos sobre a história da família e das primeiras aprendizagens da criança, investigando em que medida a família possibilita o desenvolvimento da criança, facilitando (ou não) a construção de aprendizados, bem como poderão ser coletados dados sobre como se processou o seu desenvolvimento, controles, aquisições de hábitos, interiorização de normas, aquisição da fala, a alimentação, o sono, entre outros aspectos, relacionando-os com a história escolar da criança, com posterior contato com a escola dela, mesmo que por telefone, e o acesso ao material didático que ela utiliza. Considerando que o registro fiel da entrevista, sem distorções, é muito importante.

Nas sessões seguintes, seguindo o modelo proposto por Jorge Visca, de um esquema que segue uma sequência de diagnóstico flexível, no tocante à aplicação da EOCA, acho que é importante o psicopedagogo mediar, mas permitir à criança construir a entrevista de maneira espontânea, lúdica, significativa para ela. Assim, vale sublinhar que na aplicação da EOCA com a criança será feito um levantamento de hipóteses com possível definição de linhas de investigação e escolha de instrumentos, visto que as propostas a serem feitas na EOCA assim como os materiais a serem usados variam



conforme as singularidades de cada sujeito, pautando-se, assim, pela avaliação qualitativa do nível operatório da criança nas sessões lúdicas centradas na aprendizagem, durante todo o processo.

Por conseguinte, serão aplicadas as provas operatórias nas próximas sessões, com seleção do material, preparação, manipulação e posterior hipótese, sendo, pois, um recurso a mais, ou seja, uma complementação, um meio auxiliar do trabalho com a criança, constituindo-se num importante instrumento avaliativo do nível do seu desenvolvimento cognitivo, o que possibilitará analisar construções cognitivas, como a noção de conservação, operações lógicas de classificação, de seriação, de compensação. Pode-se avaliar também se a criança já construiu os conceitos de número, espaço, tempo, ordem e velocidade. Vale sublinhar que é trazido abaixo o exemplo de uma dessas provas, a de interseção de classes, usada para avaliar se a criança já adquiriu a noção de classificação, ao reunir simultaneamente objetos segundo suas semelhanças ou diferenças, pelo que se torna capaz de lidar com a composição aditiva de classes⁹.

Tipo de prova do diagnóstico operatório: Interseção de classes. Faixa etária da criança avaliada: 7 a 11 anos. Material utilizado: 3 espécies de fichas do mesmo material e tamanho, sendo: 5 redondas vermelhas, 5 redondas amarelas e 5 quadradas amarelas; 1 folha branca plana com 2 círculos desenhados, 1 preto e outro azul que se entrecruzam delimitando 3 partes, das quais uma é comum aos 2 círculos. Desenvolvimento: As fichas foram dispostas nos círculos em interseção, sendo as redondas vermelhas e as quadradas amarelas nas partes exteriores e as redondas amarelas na interseção entre os dois círculos. Solicita-se à criança observar a disposição das fichas, descrevê-las e responder determinadas perguntas.

No caso particular desse estudo, urge salientar que um dos fatores mais importantes nesse processo é o vínculo estabelecido com a criança, pois essas trocas e relações de afeto facilitam o olhar e a escuta do psicopedagogo. Como a expressão, a escuta, sentimentos, emoções vibram no campo subjetivo, é importante que seja propiciado um espaço para a criança brincar e assim se comunicar, promovendo experimentações sensoriais, de percepção e composição com diferentes objetos. Assim, no sentido de detalhar o desenvolvimento dessa prova operatória, é apresentada, a seguir, a sequência com as perguntas e as respostas da criança avaliada:

Avaliador: Há mais fichas vermelhas ou mais fichas amarelas?

Avaliado: Há mais fichas amarelas.

Avaliador: Como é que você sabe?

⁹ Para Piaget, por volta dessa faixa etária (7 a 11 anos), a criança, geralmente, encontra-se na fase da Classificação Operatória, na qual passa a dominar a relação de inclusão, sendo esse domínio a condição fundamental de uma cognição operacional concreta da classificação lógica. MACEDO L. Ensaios construtivistas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.



Avaliado: Porque são dez fichas amarelas e cinco fichas vermelhas.
Avaliador: Há mais fichas quadradas ou mais fichas redondas?
Avaliado: Há mais fichas redondas.
Avaliador: Você pode me mostrar?
Avaliado: São essas e essas aqui (aponta).
Avaliador: Quantas fichas são quadradas?
Avaliado: São cinco fichas quadradas.
Avaliador: Quantas fichas são redondas, ou seja, circulares?
Avaliado: São dez fichas redondas.
Avaliador: Quantas fichas são vermelhas?
Avaliado: São cinco fichas vermelhas.
Avaliador: Quantas fichas são amarelas?
Avaliado: São dez fichas amarelas.
Avaliador: Há mais fichas redondas ou mais fichas amarelas?
Avaliado: Mais amarelas.
Avaliador: Porque você acha que eu coloquei essas fichas amarelas no meio?
Avaliado: Porque as vermelhas já estão ali (aponta).
Avaliador: Porque essas fichas têm algo em comum com os dois círculos?
Avaliado: Porque são amarelas, não sei bem explicar.

5 DISCUSSÃO

Como é a própria criança que deve estabelecer os critérios de classificação, de modo a organizá-los em diferentes grupos, as perguntas sobre classes separadas ou sobre inclusão de interseção não foram respondidas corretamente na primeira tentativa. Algumas perguntas suplementares também não foram respondidas com acerto na primeira vez. Nesse ponto, conforme Dolle e Bellano (1995, p. 101), a análise dos resultados obtidos com a aplicação desta e das outras provas operatórias como as de prova de conservação de comprimento, superfície, peso e volume, possibilitou a compreensão do processo de construção do conhecimento e o desenvolvimento do raciocínio por aquela criança, bem como permitiu a identificação do que precisa ser construído com ela dentro do domínio lógico, a fim de promover o seu avanço cognitivo. Indo das provas operatórias às possibilidades de desenvolvimento das habilidades do raciocínio.

Nesta via, conforme o planejamento dessa prova operatória, o que se pretendeu foi conhecer como a criança pensa em relação às próprias manipulações, por meio de algumas perguntas sobre a ação da criança durante a atividade. Desse modo, buscou-se verificar os juízos que ela faz e os argumentos que utiliza para justificar suas respostas sobre a disposição das fichas na folha. Nesse aspecto, é mister pontuar que a avaliada não deu primeiras respostas satisfatórias em alguns momentos da prova, errando algumas perguntas de interseção e classificação, acertando depois, o que demonstra que a criança (7 a 11 anos) não desenvolveu plenamente estruturas cognitivas que viabilizam operações concretas.

Interessa observar que, nessa prova, o mote foi a observação e a comparação das formas geométricas, através de perguntas, onde foi possível auxiliar a criança a perceber as características



delas, bem como distinguir as semelhanças e diferenças, sobretudo nas fichas colocadas na interseção entre os dois círculos. A partir daí, foi possível observar que a criança demonstrou dificuldade ao estabelecer critérios de classificação, identificando as características que permitem colocar as fichas apresentadas num mesmo grupo. Sendo esta habilidade cognitiva fundamental para a organização do pensamento e a resolução de problemas.

Após serem trabalhadas e analisadas as provas operatórias¹⁰, nas sessões subsequentes serão aplicadas as técnicas projetivas, podendo levar à observação de aspectos projetivos, consoante com Visca (1997). Nessa perspectiva, cita-se como exemplo a aplicação da técnica “Eu e meus companheiros”, onde a criança foi solicitada a fazer um desenho sobre os sujeitos com os quais se inter-relaciona, depois foi solicitada a escrever uma história relacionada ao desenho, sendo possível analisar no desenho, o tamanho dos personagens, a localização na folha, a análise da posição dos personagens, a história, e na escrita pôde-se observar o conjunto dessas relações, entre outros aspectos. Assim, a intenção é observar, por meio de técnicas projetivas como esta, atitudes como a questão da aceitação (ou não) dessa criança, a manifestação de vínculo positivo ou negativo com outras crianças, família e professores, bem como podemos analisar aspectos referentes aos seus sentimentos e emoções.

Em seguida, dar-se-á a aplicação das provas pedagógicas, com a avaliação do nível pedagógico da criança em diferentes aspectos, isto é, numa perspectiva global, pesquisando como articula e utiliza os conhecimentos que aprendeu nas diferentes situações escolares e sociais, e como utiliza-os na aquisição de novos conhecimentos. Nessa etapa, é de superlativa relevância a análise do material escolar da criança, assim como uma entrevista escolar, por telefone ou presencialmente. Nesse esquadro, considera-se importante também verificar se a dificuldade é específica em leitura, escrita ou matemática, ou ambos. Sobre isso, Carraher (2002) aponta que, mesmo quando a criança erra, ela está de fato pensando e até pensando bem.

No tocante à leitura, o psicopedagogo verifica se após a leitura de um texto a criança compreendeu o sentido global do mesmo, se é capaz de sintetizá-lo, bem como verificação de leitura oral pela criança e interpretação de partes de uma história. Quanto à escrita, o profissional pede para a criança escrever e lhe mostrar, avaliando o processo de escrita. Acerca da matemática, é necessário avaliar o raciocínio lógico-matemático, o encadeamento lógico de ideias, o cálculo, a leitura de problemas e sua solução. Nesse sentido, penso que as atividades lúdicas de leitura, escrita e matemática

¹⁰ Operação é um termo que ganha um sentido muito preciso dentro da perspectiva piagetiana, de modo que, no âmbito da cognição, refere-se às habilidades do raciocínio ou das operações mentais (BEYER, 1996. p. 195).



devem ser sempre valorizadas e trabalhadas com as crianças, com a disponibilização para a criança de uma grande variedade de estímulos, para que, assim, possam explorar todos os sentidos, e se expressarem de modo pessoal e espontâneo.

Essa compreensão é importante, pois na sessão seguinte, onde foi realizada uma síntese diagnóstica, ou seja, um prognóstico psicopedagógico, observou-se que as dificuldades escolares da criança nesse período pós-pandemia podem estar ligadas à ausência de estrutura cognoscitiva adequada que permita a organização de estímulos, de modo a possibilitar a aquisição de conteúdos escolares, de modo que cada teste realizado pela criança foi analisado buscando saber quais operações, quais tipos de estruturas e quais noções, deste ou daquele domínio de conhecimento, o psicopedagogo deverá construir com a criança. Sob tal perspectiva, como reforça Paín (1992), ter dificuldade de aprendizado não significa que a criança não gosta de estudar.

Desse modo, na entrevista de devolução e de possíveis encaminhamentos, houve a devolução das informações conclusivas à família e à escola, de forma restrita, apenas o que for de interesse dela. Como sugerido pelo psicopedagogo, a criança foi encaminhada para acompanhamento interdisciplinar por um psicólogo, além da psicopedagogia, onde pelo feedback daquele profissional, pelos testes projetivos, observou-se traços de um distanciamento entre a criança e os pais (que a maltratam) e uma não aceitação de outros vínculos afetivos, como os estabelecidos com colegas e professores. Além disso, cabe ressaltar que na história que construiu, a ideia de família pareceu confusa, complementando, assim, a interpretação dada anteriormente pelo psicopedagogo.

Em face do exposto, há o fechamento desse processo de avaliação da criança, onde será possível observar o seu funcionamento cognitivo, a partir dessas sessões acima elucidadas¹¹. Por fim, cabe ressaltar, segundo Weiss (2007, p. 105), que a observação acurada, assim como a escuta e a leitura atenta daquela situação são aspectos fundamentais da ação psicopedagógica, ação esta que deve ser entendida como um método investigativo bem abrangente. Com o posterior acompanhamento psicológico e psicopedagógico da criança, numa abordagem interdisciplinar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo o que foi exposto, podemos notar que a teoria piagetiana, a EOCA e a utilização das provas e testes, nesse caso pelo método do Jorge Visca, como ora exposto, são

¹¹ Para poder chegar a uma conclusão acerca da existência ou não de patologias estruturadas no aprender (sintoma-inibição-transtornos de aprendizagem reativa), nossa visão orientar-se-á pela relação do sujeito com o conhecimento (FERNÁNDEZ, 1991, p. 38).



importantes no processo investigativo psicopedagógico, tendo em vista que as informações que o psicopedagogo colheu servirão de base para a elaboração, aplicação e avaliação de um projeto de intervenção específico com a criança, podendo contribuir, assim, para a compreensão de possíveis lacunas e pontos falhos da atividade cognitiva e habilidades lógicas e do raciocínio. Nessa direção, é importante a compreensão de que as provas são selecionadas, com muito cuidado, de acordo com a necessidade surgida em função de hipóteses levantadas.

Assim, procurou-se estabelecer, desde o início, um bom relacionamento com a criança, levando-a a se familiarizar com o material. O que se configurou como um fator positivo durante a prova. Com uma proposta interventiva que visou mediar a aquisição de estruturas lógicas da criança, levando-a a explorar ativamente o meio, agindo sobre o real. Sendo preciso comparar os dados obtidos no diagnóstico de cada prova com as diversas conclusões tiradas no restante do processo de avaliação, a partir de experiências ativas. Daí a importância de se oportunizar um espaço rico e diversificado de estímulos e práticas de leitura, escrita e matemática à criança nessa faixa etária e do registro detalhado dos procedimentos da criança, ou seja, sua atitude, suas falas, soluções, hipóteses, o que contribuiu sobremaneira para a reflexão e interpretação do psicopedagogo durante todo o processo de avaliação.



REFERÊNCIAS

ANJOS, Elza Karina O. dos; e DIAS, Juliana Rocha A. Psicopedagogia: sua história, origem e campo de atuação. Revela Revista Eletrônica Acadêmica institucional, Praia Grande, SP, a. VIII, n. XVIII, jul. 2015.

BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 568 p.

BEYER, HO. O fazer Psicopedagógico: a abordagem de Reuven Feuerstein a partir de Vygotsky e Piaget. Porto Alegre: Mediação, 1996.

BOSSA, Nádia. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

CARRAHER, Terezinha Nunes. Aprender pensando: contribuições da psicologia cognitiva para a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DOLLE, JM; BELLANO, B. Essas crianças que não aprendem: diagnósticos e terapias cognitivas. Tradução: Cláudio João Paulo Saltini. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERNÁNDEZ, Alicia. A atenção aprisionada: psicopedagogia da capacidade atencional. Porto Alegre: Penso, 2012.

FLAVELL, JH. A Psicologia do Desenvolvimento de Jean Piaget. Tradução: Maria Helena de Souza Patto. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

MACEDO L. Ensaios construtivistas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

PAÍN, Sara. Diagnósticos e tratamentos dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PIAGET, Jean. Seis estudos de Psicologia. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

PIAGET, Jean; INHELDER, B. A psicologia da criança. Difel, 1976.

POSNER, Michael I.; RAICHLE, Marcus E. Imagens da mente. Porto: Porto Editora, 2001.

RELVAS, Marta Pires. Que cérebro é esse que chegou à escola?: As bases neurocientíficas da aprendizagem. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

VISCA, Jorge. Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação. 2. ed. Buenos Aires: Visca & Visca, 2009.

YGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



II CONGRESSO INTERNACIONAL
MULTIDISCIPLINAR

WEISS, Maria Lúcia M. Psicopedagogia clínica - uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 12. ed. rev e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.